

Sexo E Repressão Na Sociedade Domesticada

Alan Turing Em Seis Movimentos

Por Edgard De Assis Carvalho

El autor propone un análisis de cómo la represión sexual ha actuado muchas veces como una forma reguladora de las relaciones de los hombres y las mujeres y cita como ejemplo la historia de Alan Turing (1912-1954) quien si bien permanecerá en el imaginario social como científico responsable de una de las mayores creaciones del siglo XX no escapó a la disociación de la sensibilidad de la sociedad domesticada de la década del 50 la cual lo condenó a una pena por demás humillante por considerar que su homosexualidad constituía una ofensa a la moral pública.

A vida sexual do homem está seriamente comprometida; ela às vezes dá a impressão de ser uma função em processo de atrofia.
Sigmund Freud, Mal-estar na civilização.

1. No fundo dos tempos

A repressão sexual não esperou a sociedade de classes para se consolidar como forma reguladora das relações de homens e mulheres. Em estudo clássico, publicado em 1927, Bronislaw Malinowski [1884-1942] constatou esse fato na sociedade trobriandesa, na Melanésia. Certo de que encontraria lá um mundo harmônico caracterizado por uma ausência de interdições, empenhado na busca de conexões funcionais gerais motivadas por necessidades biopsíquicas, cuja resposta era dada pela regularidade das instituições, sua pesquisa de campo incumbiu-se de desmentir essa

idealização das sociedades nativas que, nos anos 1920, converteram-se em laboratório preferencial e experimental da alteridade, submetidas que estavam à dominação do capitalismo da época.

A sexualidade deve ter perturbado o pesquisador, o que aliás é percebido nos diários de campo publicados após sua morte. Leitor atento de Freud, Malinowski acreditava na universalidade do complexo de Édipo. Não se dera conta, porém, de que a sociedade trobriandesa era matrilinear e, que, portanto, a interdição e a repressão eram deslocadas para o tio materno e não para o pai biológico. O caráter matrilinear,

ele reitera, ficava evidente nos mitos sobre a origem do homem, da ordem social, das divisões totêmicas, das relações parentais e clânicas que regiam o cotidiano do grupo.

Mesmo que os mitos devam sempre ser entendidos como desdobramentos de representações, ou respostas desencantadas e irônicas para os desafios enfrentados por humanos de todos os tempos, como acredita Claude Lévi-Strauss, as narrativas deixam claro que o nome do pai tem uma importância insignificante na regulação dos desejos.

Centrada na matrilinearidade, a cultura trobriandesa não dava qualquer valorização à figura paterna, que nem mesmo era mencionada nos registros míticos. Em contrapartida, o tio materno tornava-se a figura central da socialização dos filhos. Diferentemente do mundo patriarcal, ocidental e ariano, em que o complexo de Édipo é operador da castração e da repressão sexuais, no mundo trobriandês o filho, afirma Malinowski, nunca reconhece “o lugar do pai na família, não gosta de encarar seu pai real, que é incapaz de viver com ele em paz”¹.

Emoções e instintos comumente escapam de controles e regras. Se a fábrica da ordem cultural implica repressão, sublimação e recalçamento, sempre sobra uma zona obscura que jamais será desvendada. No

mundo melanésio dos anos 1920/30, essa condição foi descrita detalhadamente, apesar da interpretação funcionalista entender a cultura como uma resposta a necessidades primárias, universais, comuns a todos os humanos e a necessidades secundárias, particulares, específicas, próprias da diversidade cultural.

Não. O padrão da interdição não era universal, mas típico da tradição judaico-cristã. Em Trobriand, a pulsão do incesto era dirigida primordialmente ao tio materno – afinal estávamos diante de uma sociedade matrilinear – e esse fato implicava intensas repressões cotidianas. Entre pais e filhos, ele reitera, “têm de surgir tentações incestuosas, que não encontram probabilidade de acontecer em famílias animais governadas por verdadeiros instintos”².

É aí que a repressão se instala e as interdições se consolidam. A formação do vínculo social programada nas e pelas instituições se incumbe de estabelecer o que é permitido ou proibido. Tentações sensuais são severamente prescritas pela proibição do incesto, interdição que marca passagem da natureza à cultura, como tantas vezes enfatizado. O tabu tem um lado instaurativo e outro repressivo. Perseguirá humanos de todos os tempos e lugares, submetendo-os a uma autoridade que não admite contestação ao definir e regular normal e patológico, desejo e falta.

¹ Bronislaw Malinowski. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*; tradução Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 2000, 2a, edição, p. 145.

² Bronislaw Malinowski. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*, op. cit., p. 156.

Essa autoridade não é, porém, restrita a pais e mães e, muito menos, ao registro matrilinear ou patrilinear. Sexo e repressão constituem um par indissociável, ao mesmo tempo oposto e complementar. Oposto porque a liberdade sexual não tem limites, complementar porque o padrão cultural dominante castra a liberdade e a autonomia individuais, tentando, a qualquer preço, impor a ordem nos territórios desejantes da desordem.

2. Jogo de espelhos

A etnografia Melanésia prestou-se a várias leituras e interpretações. Em 1932, Wilhelm Reich³ debruçou-se sobre os dados de Malinowski para entender como a irrupção da moral repressiva se configurava em sociedades consideradas arcaicas, primitivas, sem classes. A vida sexual infantil recebe destaque especial em sua análise, com ênfases significativas no papel do aprendizado.

Crianças aprendem sentidos da sexualidade vendo a vida sexual dos adultos. Se a criança vê demais, os pais recomendam que tape os olhos com uma esteira. Crianças e adolescentes brincam de sexo o tempo todo, embora saibam muito bem o que pode e o que não pode ser feito. Livres e desimpedidas, formam uma comunidade de pertencimento, na qual tabus e práticas mágicas assumem importância crucial. De fundamental importância para a consolidação dos

vínculos afetivos e laços sociais, a coabitação prévia constitui uma espécie de ‘concupiscência de grupo’, como designa Malinowski esses “lieux de rencontres”, onde jogos eróticos se explicitam a todo tempo.

Aí se estabelece o primeiro contraste estabelecido por Reich. Nas sociedades feudais e nas burguesas, ele afirma, “a repressão autoritária da criança serve à criação de uma estrutura adequada do ser submisso”⁴. Ao descartar qualquer forma de nostalgia para com um mundo primevo e arcaico, livre e paradisíaco, é estabelecida uma constatação óbvia e, ao mesmo tempo, perturbadora. Os primitivos exibem a capacidade de viver plenamente sua sexualidade e os ditos civilizados são incapazes disso. Insatisfeitos, recalcados, fóbicos, sua psique é permanente alterada pelas “neuroses devidas às inibições morais adquiridas pela educação.”⁵

De forma um tanto preconceituosa para tempos líquidos contemporâneos, Reich afirma que a sexualidade primitiva é libertina, embora essa palavra seja sempre empregada entre aspas. Sadismo, masoquismo, felação, exibicionismo, ascetismo, masturbação são comuns e não desmerecem em nada os que as praticam. Muito pelo contrário. O entendimento da masturbação, por exemplo, mesmo considerada como desonra, é sempre indulgente, algo próximo de diversão e descompromisso.

³Wilhelm Reich. *A irrupção da moral sexual repressiva*; tradução Silvia Montarroyos, J. Silva Dias. São Paulo: Martins Fontes, s/d. [edição original publicada em 1932].

⁴Wilhelm Reich. *A irrupção da moral sexual repressiva*, op. cit., p. 11.

⁵Wilhelm Reich. *A irrupção da moral sexual repressiva*, op. cit., p. 26.

Domesticada em suas sensibilidades, percepções, maneiras de viver, a cultura moderna é o espelho embaçado desse lado dionisíaco. À positividade do amor e da sexualidade, contrapõe-se um caráter patológico e repressor. Seres da falta, narcísicos, desmesurados, insolentes, marcados constantemente pelo húbris, não abrimos mão de uma parte de nós mesmos para podermos viver com os outros. Projetada na obscuridade, a sexualidade, como reiterou Maurice Godelier, se assemelha a uma máquina ventríloca que fala de tudo e, ao mesmo tempo, de nada⁶.

Em sua pesquisa sobre os Baruya da Nova-Guiné, Godelier demonstra como os fluidos corpóreos – esperma e sangue – sempre foram objeto de interditos. Sexo e poder caminham juntos. Por isso, nos ritos de passagem, as lideranças políticas do povo baruya têm de se fortalecer por meio da ingestão de esperma para que adquiram o vigor exigido para a formação dos futuros líderes do grupo. Nesse mundo espermático, a dominação dos homens sobre as mulheres fica patente, embora contrapoderes se instalem no cotidiano: mulheres chegam a jogar sangue menstrual na cara dos homens como protesto à dominação a que são submetidas. O estoque de esperma tem de ser mantido em níveis regulares para que os jovens possam

ingeri-lo diretamente. Claro que não se trata de homossexualidade.

Os corpos dos homens e das mulheres, ele afirma, funcionam como máquinas sem vontade própria, desejantes, por meio das quais são construídas várias modalidades discursivas⁷. Em decorrência disso, selam-se regulações e regulamentos disciplinadores, de corpos, desejos, afetos.

Escrita em 1932, a “*Irrupção*” mostra que opressão e repressão sexuais sempre são conflituosas para todos. Apesar dos movimentos de liberação, afirmação e identificação, a normalização excessiva da vida sexual permanece nítida em tempos mundializados. Os slogans “liberdade sexual”, “sexo é assunto privado”, “cada um faz com seu corpo o que bem entende”, são insuficientes para dimensionarem a extensão do problema, assim como as variações que qualquer corpo exhibe e pratica.

Guardadas as devidas proporções, essas expressões consagradas viabilizam preconceitos, intolerâncias, decomposições, violências, angústias, privações, relativismos. “Quando a sociedade não consegue compreender o processo social a que está sujeita, sendo incapaz de o dirigir, sempre se verifica o caos.”⁸ A primeira me-

⁶ Maurice Godelier, *La production des grands hommes. Pouvoir et domination chez les Baruya de Nouvelle-Guinée*. Paris: Fayard, 1982.

⁷ Maurice Godelier, *Meurtre du père ou sacrifice de la sexualité? Conjectures sur les fondements du lien social*. Em *Meurtre du père, sacrifice de la sexualité. Approches anthropologiques et psychanalytiques*. Direction: Maurice Godelier, Jacques Hassoun. Paris, Éditions Arcanes, 1996, p. 33.

⁸ Wilhelm Reich, op. cit., p. 169.

tade do século passado, e também do atual, não souberam equacioná-lo, nem entender as relações entre a multiplicidade do sujeito, as variações da sexualidade, a produção da ciência.

3. Turing acredita que as máquinas pensam/Turing deita-se com homens/Portanto as máquinas não podem pensar.

Alan Turing (1912-1954) não escapou da dissociação de sensibilidade da sociedade domesticada, ainda mais exacerbada na atividade científica. Escondidos sob o manto protetor dos conceitos e teorias, homens de ciência não explicitam seu trajeto subjetivo e, muito menos, sua vida interior e íntima. Raramente falam de si, mas se comprazem em diagnosticar os outros, sejam eles moléculas, átomos, animais, homens.

Sempre pronta a acionar as comportas da repressão, a vigilância cognitiva instalada nos aparatos repressivos da cultura mostra as suas garras sempre que pode, ainda mais no contexto histórico conservador do pós-guerra europeu, principalmente na Inglaterra.

Suas performances como lógico, matemático, criptoanalista, responsável pelo desvendamento do código Enigma dos nazistas, que muito contribuiu para o avanço e a consequente vitória aliada, não

foram suficientes para que, em nome de uma moral cínica, fosse desencadeado contra ele um dos grandes desatinos da história, que redundaram em sua morte prematura, aos 42 anos.

Acusado de ofensa à moral pública e da prática de atos homossexuais ilícitos inconfessáveis, teve uma penalidade inumana, mesmo para os anos 1950. Duas alternativas lhe foram impostas: a prisão ou a castração química por intermédio de doses maciças de injeções de estrogênio, com o intuito de aplacar a homossexualidade e curá-lo do mal. Turing optou pela segunda via. Abalado, deprimido, humilhado, suicidou-se injetando cianureto de potássio em uma maçã. Envenenado, morre em 1954.

Na maioria dos livros de história da ciência, nada disso é mencionado. Por vezes, uma breve referência à homossexualidade de Turing é feita, como se ela fosse um fato banal, sem maiores implicações. Em *A Catedral de Turing*, por exemplo, George Dyson, ao referir-se à colaboração entre Turing e John von Neumann (1903-1957), em Princeton, no ano 1935, insiste no fato de que ambos diferiam em tudo. O único interesse compartilhado por ambos eram os computadores.

A biografia de Andrew Hodges¹¹ é mais explícita, principalmente nas quatro partes

⁹ Esse silogismo confessional integra a carta de Turing a seu amigo Norman Routledge, escrita no final de sua vida, e é referida por Leavitt em *O Homem que sabia demais*.

¹⁰ George Dyson. *Turing's cathedral. The origins of the digital universe*. New York: Random House, 2012.

¹¹ Andrew Hodges. *Alan Turing, the Enigma*. London: Vintage Books, (1983), 2012.

que compõem a parte dois do livro. Como Branca de Neve, ele diz, Turing ingeriu uma maçã envenenada, mas saber, de fato, o que causou sua morte “é semelhante a perguntar o que causou a primeira guerra mundial¹². Mistério insondável, inevitabilidade dissociativa, distúrbio mental, insegurança primordial são algumas expressões que Hodges emprega para definir o que se poderia chamar de perfil psíquico de Turing.

“Ele [Turing] não costumava freqüentar restaurantes, boates e bares gays, ... mas para os órgãos de segurança suas viagens eram sempre um pesadelo.¹³” De qualquer modo, mesmo praticada abertamente no King’s College e em outras instituições, a homossexualidade deveria ser mantida em segredo ou, então, punida por lei, processo, julgamento, multa, prescrição medicamentosa.

Daí decorrem as sucessivas comparações feitas entre mestres e discípulos para marcar preferências e estilos de vida: Von Neumann, por exemplo, era sedentário, Turing atlético, um corredor inveterado, maratonista, percorria longas distancias diariamente a pé ou em bicicleta. Um se hospedava em hotéis de luxo, outro em hostais modestos. Von Neumann sempre se apresentava nos seminários e conferências sobriamente vestido, Turing era informal, aparência desgrenhada. Von Neumann era

preciso nas palavras e argumentos, Turing era hesitante com elas, quase gago, como se seus pensamentos demorassem a ser processados pela mente. “Von Neumann tinha atração por mulheres, enquanto Turing preferia homens”¹⁴.

Coube à literatura, ao cinema, ao teatro polemizarem a questão e, desse modo, mostrarem um Alan Turing de carne e osso, que ama e confessa, que enfrenta e desafia a intolerância circundante, que admite a quem quiser saber suas preferências homossexuais. Ao procederem assim, seu lado de cientista se engrandece e mostra, mais uma vez, que a desconexão corpo-mente, fruto da visão cartesiana, impede que o sujeito seja entendido como totalidade.

Corpo e mente constituem uma unidualidade indissolúvel, em circuito recursivo permanente. Deixar o corpo na obscuridade impede a clareza da mente; assumir a onipotência da mente implica um corpo desvitalizado, flácido, destreinado. A cultura erudita, científica, ainda insiste na debilidade do corpo hominiano, qualificando-o com o mais fraco entre os seres vivos. Trata-se de uma assertiva boba, antiquada, mesmo com o peso de três milênios de supremacia científica. Uma asneira, como reiterou Michel Serres¹⁵. “Em performances de todos os gêneros e em todas as discipli-

¹² Andrew Hodges. *Alan Turing, the Enigma*, op. cit., p. 490.

¹³ Andrew Hodges, *Alan Turing, the Enigma*, op. cit., p. 503.

¹⁴ George Dyson, op. cit., p. 259.

¹⁵ Michel Serres. *Variações sobre o corpo*; tradução Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

nas estritamente físicas, mãos, pés, coração, nervos, músculos propiciam poder, leveza, adaptação e fôlego”¹⁶.

Em *O homem que sabia demais*, David Leavitt traçou um perfil subjetivo irretocável de Turing, principalmente nos capítulos iniciais do livro. Romancista assumidamente gay, nascido em 1961, Leavitt inicia o texto com uma referência cinematográfica ao filme *O homem do terno branco* sobre a história de um químico que inventa um tecido indestrutível que jamais se sujava ou degradava. A invenção colocaria em perigo a indústria têxtil que, deliberadamente, empenhava-se em destruir o obstáculo, com a justificativa de que o desemprego em massa adviria cedo ou tarde. Unidos, sindicalistas e industriais se incumbem de sabotar a descoberta. Embora a invenção fracasse e a indústria não entre em dissolução, o que importa são os fatos da perseguição dirigida ao químico.

A interpretação de Leavitt é curiosa, pois ele vê o papel do químico Sidney Stratton, interpretado por Alec Guinness, como uma metáfora da perseguição sofrida por Turing, antes da descriminalização que ocorreria apenas em 1967, mesmo que o preconceito

generalizado dirigido aos homossexuais não se extinguisse.

Traçar paralelos ou relações de determinação e causalidade entre personagens imaginários e reais é sempre algo sempre temeroso. Leavitt não faz isso. Mas sua afirmação de que “Stratton é açoitado por causa de sua descoberta, [enquanto] Turing foi perseguido a despeito dela”¹⁹ merece ser considerada como indicativa da grave dimensão do problema que cerca a avanço dos saberes, sejam eles científicos ou não. Isolados da sociedade dita normal, o caminho da solidão e da clandestinidade é a única possibilidade que resta a pensadores que tentam quebrar códigos, paradigmas, preconceitos. O famoso silogismo de Turing que intitula essa parte diz muito de sua dor e de sua revolta.

4. A maçã do amor, do ódio e do conhecimento

Se Ludwig Wittgenstein era fissurado em musicais de Ginger Rogers e Fred Astaire, Turing tinha grande predileção pelo desenho animado *Branca de Neve e os sete anões*²⁰. Essa preferência talvez revele algo oculto e inconsciente de sua trágica trajetória.

¹⁶ Michel Serres, op. cit., p. 38.

¹⁷ David Leavitt. *O homem que sabia demais. Alan Turing e a invenção do computador*; tradução Samuel Dirceu. São Paulo: Novo Conceito editora, 2007.

¹⁸ *O homem do terno branco*, 1951. Direção Alexander Mackendrick. Elenco: Alec Guinness, John Greenwood, Cecil Parker.

¹⁹ David Leavitt, op. cit., p. 2.

²⁰ Considerado obra-prima do cinema *Branca de Neve e os sete anões* é o primeiro desenho de animação americano, produzido por Walt Disney em 1937.

ria. Contos de fada problematizam o bem e o mal, o justo e o injusto, a guerra e a paz. Daí decorre a atração que exercem em todas as gerações. Além disso, sua leitura acaba por incutir uma visão de mundo em que diferenças sociais e maldades políticas são constantemente postas à prova.

Em *A psicanálise dos contos de fada*, Bruno Bettelheim²¹ (1903-1990) enfatiza que os contos de fada funcionam como operadores simbólicos, responsáveis por uma lenta construção da sabedoria, assim como pela busca de significado para a existência e formas de conduta de humanos de todos os tempos e lugares. Erroneamente enquadrados na categoria “literatura infantil”, essas narrativas expõem dilemas e enigmas intergeracionais e, de modo algum, são destinadas exclusivamente à leitura de crianças. A mensagem dos contos de fada é multiforme, afirma Bettelheim, explícita que a luta contra dificuldades e obstáculos é iminente à condição humana. “À medida que as histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego”²².

A narrativa de Branca de Neve integra o livro dos irmãos Grimm. Em meio ao inverno, uma certa rainha, ao admirar a neve espeta seu dedo e deixa cair três gotas de

sangue. Ao olhá-las afirma: “gostaria que minha filhinha fosse branca como a neve, que suas faces fossem rosadas como o sangue e seu cabelo negro como o ébano”²³.

A menina nasce, a rainha morre, o rei se casa de novo, a madrasta assume o lugar da mãe. E daí em diante, advêm o ódio, as sucessivas indagações ao espelho mágico sobre a beleza, a fuga de Branca para a floresta, a acolhida pelos sete anões, o disfarce da madrasta, a maçã envenenada que a leva à morte. Se sua permanência entre os anões, cuja assexualidade evidente não oferece nenhum perigo, seu retorno ao mundo dos vivos, e da sexualidade, só será resgatado pelo beijo do príncipe amado. Renascida, assume o trono do reino como era de seu direito. Sufocada pela raiva, a madrasta adoece fatalmente e morre. “Branca de Neve e o príncipe viveram e reinaram alegremente sobre aquela terra durante muitos e muitos anos.”²⁴

Bettelheim, que suicidou-se em 1990, destaca a importância das cores: a inocência do branco, o desejo do vermelho, a beleza do ébano. O importante a ser realçado, porém, é a força do desejo edípico entre pai e filha. Esse complexo desperta ciúmes na mãe-madrasta que quer livrar-se da filha-enteadada a qualquer preço. Não importa que se trate da mãe biológica ou de alguém que

²¹ Bruno Bettelheim. *A psicanálise dos contos de fada*; tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

²² Bruno Bettelheim. *A psicanálise dos contos de fada*, op. cit., p. 14.

²³ Irmãos Grimm. *Contos de fadas*; tradução Celso Paciornik; apresentação Sílvia Oberg. São Paulo: Iluminuras, 2002.

²⁴ Irmãos Grimm, op. cit., p. 94.

ocupe seu lugar, como uma tia materna ou paterna, ou mesmo uma madrasta sem vínculo parental.

Para o indivíduo, as dificuldades edípicas, declaradas ou sugeridas, e sua solução, “são básicas para o desenrolar de sua personalidade e relações humanas.... Os contos de fadas permitem-nos esboçar nossas próprias conclusões, no tempo propício, para conseguirmos uma melhor compreensão destes problemas”.²⁵

Branca de Neve, de Walt Disney (1901-1966), até hoje é um filme enigmático. Seduz platéias de todas as idades. Esse fato é responsável pelas sucessivas versões que a narrativa teve no cinema e no teatro. Afinal, mitos sempre querem dizer a mesma coisa, como muito bem observou Claude Lévi-Strauss. Disney simplifica a narrativa dos Grimm, retirando o episódio do nascimento que inicia o conto original e o final em que a rainha se dirige ao espelho pela derradeira vez. O traço do desenho de Branca era nitidamente inspirado em Hedy Lammar (1913-2000), considerada no ano de produção do filme, a mulher mais linda do mundo, ao mesmo tempo delicada e sensual.²⁶

O filme inicia-se com a convocação do espelho mágico. Há uma menina entre nós cujo encanto e suavidade a torna a mais bela de todas. É o espelho que revela o mis-

tério da tríade branco-negro-vermelho. Enfurecida, a madrasta advinha seu nome. Só pode ser a enteada. Sempre em andrajos, Branca vê o príncipe, de quem se enamora perdidamente. Mas é um amor não consumado. Um caçador é incumbido de levar a jovem para a floresta, mas se arrepende e não cumpre as ordens reais. Para que não existam dúvidas, a rainha vocifera: o coração de Branca deve ser colocado num estojo e ser trazido ao castelo como prova de sua morte.

Fugir para a floresta, esconder-se de tudo e todos é a recomendação do caçador para salvar a princesa. No filme, a fuga vence obstáculos de toda ordem impostos pela força da natureza. A animalidade é, ao mesmo tempo, fonte de curiosidade, percepção, cooperação. Branca dialoga com animais, fala de seu medo, se diz envergonhada de seu destino trágico. Como não tem onde dormir, e não pode fazê-lo em ninhos, rochas, ou simplesmente sobre a terra, são os próprios animais que a conduzem à casa dos anões.

Admirada com o modelo reduzido da casa, Branca espanta-se com o desmazelo, a bagunça, a sujeira. Treinada nos afazeres domésticos, tudo será posto em ordem. Eles não devem ter mãe, são órfãos, ela afirma. Mais uma vez, os animais a ajudam a repor a ordem na desordem reinante. É uma

²⁵ Bruno Bettelheim, A psicanálise dos contos de fada, op. cit., p. 240.

²⁶ Igualmente matemática, Lammar criou e patenteou dispositivos para guiar torpedos a distância. Inventou também um sistema de comunicação para as forças armadas dos EUA, base da atual telefonia celular. Em novembro de 2005, foi homenageada pelo dia do inventor na Alemanha com seu verdadeiro nome: Hedwig Eva Marie Kiesler.

longa sequência com duração aproximada de treze minutos.

A casa transforma-se num laboratório experimental no qual a colaboração prevalece sobre a competição. A chegada dos anões do trabalho das minas expulsa os animais e Branca é deixada só. Assombração, feitiço, monstrosidade, coisa do demônio são as expressões utilizadas para definir o inominável. Escondidos em estantes, prateleiras, frestas da casa, os animais entram em ação, direcionam os anões para o quarto.

Depois de muita hesitação, prestes a atacarem o monstro, os anões surpreendem-se com a beleza angelical. A beleza, porém, é fonte de admiração e, ao mesmo tempo, de pavor e assombro. A mulher é sempre suspeita, maléfica, falsa, dissimulada. Situados na fase pré-edípica, Bettelheim reitera, os anões sabem que a felicidade não será para eles. Por isso, ela não pode morar na casa. Deve partir. Cientes dos poderes mágicos da rainha-madrasta, amedrontados, os anões se vêem ameaçados se hospedarem Branca.

Mas são cativados por meio da comida, das modos à mesa, das regras da etiqueta, da exigência da limpeza. Ela poderá ficar, desde que se incumba de cozinhar, lavar, costurar. A sequência da faxina geral é longa, até que o banho dos sete se complete, a refeição aconteça e o sono profundo tome conta de todos.

No castelo, o espelho revela à madrasta que detrás das sete colinas, além do espesso bosque, na casa de sete anões, Branca ainda vive. O coração que está no estojo é de um

porco. Traída, refugia-se no laboratório, metáfora por excelência da ciência e da transmutação, gabinete de horrores onde a eficácia simbólica da magia e da ciência se explicita.

Situada nos subterrâneos do castelo, a máquina universal da maldade humana é posta em ação. O acervo da biblioteca fornece as indicações bibliográficas necessárias à manipulação das poções que irão metamorfosear a rainha. Envelhecida e encarquilhada, com voz dissimulada, mergulha a maçã em substâncias químicas secretas que realçarão o vermelho da fruta.

Ela terá duas metades antagônicas e, ao mesmo tempo, complementares: uma é vida, outra é morte. O único antídoto possível para reverter o sono mortal será o reencontro com o príncipe.

Disfarçada de mendiga, acompanhada por dois corvos cúmplices, a bruxa entra em ação. Com um cesto de maçãs, dentre elas a vermelha, chega à casa. Branca está só, ocupada com os trabalhos domésticos, pois os homenzinhos, como a bruxa se refere aos anões, saíram para o trabalho. Disney confere à maçã a centralidade da cena. Amor, ódio, desejo, morte, conhecimento, tudo isso concentrado numa única fruta.

Prove, prove logo, a madrasta insiste. Não deixe o desejo esfriar. Branca não sabe que, ao cometer esse ato, vai sufocar, paralisar e, involuntariamente, permitir que a rainha volte a ser a mais bela de todas. Disney exagera no gestual de ambas, uma cândida, outra perversa. O ato culminante da cena é

a mordida de apenas um pedaço que, imediatamente cai por terra ²⁷. A princesa desfalece imediatamente. A cena é extensa, pois a argumentação sobre os efeitos da ingestão e a consequente realização dos desejos da moça exige concentração de ambas. Acompanhada por dois corvos, a bruxa tenta voltar ao castelo mas cai em um precipício e morre.

No velório, os anões pranteiam Branca, os animais se compadecem, chove torrencialmente. Animalidade e humanidade se aniquilam totalmente na sequência fílmica. Bela em seu sono da morte, eles não a enterram. Colocam-na num esquife de vidro, preservando-a da deterioração, mesmo na floresta. O príncipe chega, beija-a, a vida retorna. O roteiro suprime a cena do casamento e a pergunta final da rainha ao espelho que lhe informa secamente: “és a mais bela aqui, senhora minha, mas ainda mais bela é a nova rainha”²⁸.

O que Turing terá visto nesse filme? Conto e filme contêm elementos que podem ajudar a decifração desse lado subjetivo obscuro e recalcado: o laboratório-ciência da bruxa-madrasta como signo da indeterminação do conhecimento, a relação ma-

drasta-enteada como simulacro da relação mãe-filho, a relação com os anões como indicadora de uma sexualidade indefinida e amorfa, a maçã envenenada como potência de morte.

De modo sutil, Leavitt refere-se à predileção de Turing pelas maçãs. “Ele [Turing] contou aos amigos que comia uma maçã todo dia antes de dormir”²⁹. Em Cambridge, depois da estréia do filme de Disney, ele cantarolava pelos corredores da universidade a imprecisão da bruxa no laboratório. “Mergulhe a maçã no caldo, deixe o sono mortal impregná-la”³⁰. Esses registros simbólicos podem nos conduzir a Ethel Sara Turing, mãe de Alan. Como toda mãe, temos aqui um misto de dedicação e autoridade, compreensão e intolerância, candura e perversidade.

5. A potência da mãe

Mãe zelosa e dedicada, Ethel Sara Stoney, seu nome de solteira, (1881-1976), era oriunda de uma família anglo-irlandesa e parente distante de George Jonhstone Stoney (1826-1911), físico irlandês responsável pela nomeação do termo elétron, em 1874, para designar a carga elementar da eletricidade.

²⁷ O primeiro logotipo da Apple era inspirado em Isaac Newton, responsável pela descoberta da lei da gravitação universal, e da maçã prestes a cair sobre sua cabeça. *Byte an Apple* era o slogan inicial. Posteriormente, a maçã mordida, colorida em várias tonalidades, transformou-se na marca oficial da companhia. O falecido Steve Jobs, presidente da Apple, o maior acionista da Walt Disney Company, certamente inspirou-se no desenho animado de Disney. Até hoje, a empresa nega qualquer vinculação entre a marca e o filme. A MAC cosméticos também estampou recentemente em sua linha de cosméticos a figura de Branca de Neve.

²⁸ Irmãos Grimm. *Contos de fadas*, op cit, p. 94.

²⁹ Leavitt, *O homem que sabia demais*, op. cit., p. 203.

³⁰ Leavitt, *O homem que sabia demais*, op. cit., p. 203.

dade. Dyson refere-se a uma observação de Sara feita em 1915. Alan, ela afirma, interessava-se por figuras e não necessariamente por associações matemáticas. Aos três anos, quando alguns marinheiros de madeira de seu barco de brinquedo quebraram-se, ele se plantou no jardim da casa e lá passou a acreditar que aqueles seres imaginários voltariam a se movimentar. O interesse pela química e pela física viria depois.

Essa característica fez com que granjeasse a admiração das governantas e serviçais da casa. Desde a mais tenra idade era movido por uma inventividade extrema, o que fez com que recebesse o apelido de “o alquimista”.³¹ Na adolescência, aos 16 anos, conhece Christopher Marcon, sua primeira paixão. Leavitt destaca com muita delicadeza esse fato. “Sua relação [com Marcon] desabrochou na clássica trajetória da “amizade romântica do século XIX”³².

Turing adorava tudo que Marcon fazia, seu corpo, seu olhar, seu abraço. A intimidade de ambos era sempre marcada por uma certa matematização dos afetos. Quando estavam juntos, “era mais provável que falassem da relatividade e do valor de π ... do que sobre

poesia”³³. A morte desse primeiro amor provocada por tuberculose produziu cicatrizes profundas que jamais se fecharam plenamente e, de certa forma, condicionou seus relacionamentos posteriores. Turing pensava ardentemente que um reencontro seria possível, mesmo em outro tempo e espaço.

A cena dois do texto teatral³⁴ explicita a dúvida de Sara quanto ao relacionamento dos dois: “Alan, você não vai me apresentar seu amigo? Estou muito feliz em conhecê-lo. Alan fala muito de você”. E, por favor Chris, “me chame de Sara. Dona dá um ar de muito velha, e estou muito feliz por vocês serem bons amigos”.

No filme³⁵, essa cena é muito valorizada esteticamente pelo cenário, figurino, postura corporal: a casa, o chá, a cumplicidade dos amigos. Sara não conseguia ver o que estava óbvio. Mesmo que não fosse explicitamente homossexual, Marcon mimetizava o desejo de Alan, a relação entre ambos transcorria nesse clima afetivo interrompido com a morte prematura do suposto parceiro. Essa ambiguidade expunha um desejo incestuoso não resolvido pela mãe e um deslocamento para objetos-fetichismo representados

³¹ George Dyson. *The Turing cathedral*, op. cit., p. 244.

³² David Leavitt. *O homem que sabia demais*, op. cit., p. 11.

³³ David Leavitt. *O homem que sabia demais*, op. cit., p. 11.

³⁴ Hugh Whitemore. *Quebrando códigos*[peça teatral baseada no livro de Andrew Hodges *Alan Turing, o Enigma*]; tradução Luis Fernando Tavanelli. Grupo Arte e ciência no palco. Direção: Roberto Vignati. Elenco: Carlos Palma, Oswaldo Mendes, Flavia Pucci, Edgar Bustamante, Waldemar Dias. Rubens de Falco, Arlete Montenegro.

³⁵ *Breaking the Code*. (1997). Texto de Hugh Whitemore. Direção: Herbert Wise. Elenco: Derek Jacobi, Alun Armstrong, Blake Ritson, William Mannerling, Prunella Scales.

pela preferência por homens, como substitutos à virilidade do pai. Esses objetos, porém, não se restringiram a sujeitos reais. A matemática, os códigos, as máquinas podem muito bem representar sublimações compensatórias de um sofrimento psíquico mais profundo.

O que se percebe nas narrativas é a crescente curiosidade de Sara sobre a sexualidade do filho. Se, para a metamatemática, ser consistente significa nunca permitir contradições em seu próprio sistema, em sua breve vida, Turing contradisse esse pressuposto. Em clima confessional, as revelações surgem em camadas: primeiro com Pat, amiga, confidente, que lhe revela seu amor. Categórico, Alan afirma: *“não posso Pat, sou homossexual e isso me impede de ir para a cama com você”*.

As cenas teatral e cinematográfica são exemplares de mais essa tragédia edipiana. A mãe não quer reconhecer o que já sabia. Exibe sua preocupação, mas a justifica dizendo que o próprio filho é o seu melhor e pior inimigo. Um antissocial, era o que diziam que ele era, ela reitera, na cena oito do primeiro ato: “eu e meu marido ficamos muitos preocupados”.

Mas essa associabilidade tem a ver com o processo de individuação de Turing, que não conseguia combinar o homem exterior com o interior. Daí o isolamento, a queda da energia vital, a fatalidade dos amores.

Crescentemente dissociada, sua trajetória se consolida: a carreira, o emprego no serviço secreto, a intuição acurada, a imaginação criadora, o gosto pelas máquinas. Ele sabia que algo novo adviria de suas ideias, O teste de Turing é exemplo disso. Trata-se de um teste de inteligência, cujo objetivo é responder a seguinte questão: uma máquina é capaz de pensar?

O teste consiste de uma conversação entre um homem e um computador. Se, a partir dela, ninguém for capaz de explicitar quem é o computador e quem é o homem, quem vence a disputa é o computador. “O teste foi inspirado num jogo de imitação no qual um homem e uma mulher estão em compartimentos separados e os convidados têm de conversar com ambos, escrevendo perguntas e lendo as respostas que lhes são enviadas. No jogo, o homem e a mulher tentam convencer os convidados de que ambos são duas mulheres”³⁶.

Computadores, no entanto, não têm sexo: são máquinas universais ditas inteligentes, executam qualquer coisa, desde que suas ações sejam previamente codificadas em símbolos e algoritmos. A cena um do segundo ato explicita essa predição. Diz Turing; *“perto do ano 2000, o computador será considerado máquina perfeitamente inteligente e pensante”*.

Sabedora do sucesso do filho, Sara quer sempre saber mais do seu trabalho, da ca-

³⁶ Jean-Yves Girard. *La machine de Turing*: Paris: Seuil, 1995, p. 48.

rreira, da ascensão acadêmica. Aparentemente não se interessa pelo problema do roubo e da extorsão das quais foi vítima e da confissão que Turing está prestes a revelar-lhe.

A cena é pungente na peça e no filme: *“mãe, acho que você sempre soube, não tenho interesse por mulheres”*. Pessoas como você são diferentes mesmo, ela afirma, dissimulando extrema dor. *“Gente como você passa a vida inteira com a cabeça enterrada nos livros... Só os livros importam para você”*.

Provedora, narcísica, hiperprotetora, ela não ignora que o filho gosta de homens. Dissimulada, tenta minimizar a tristeza, deslocando-as para o pai que, morto, não saberá do fato. Na cena três, ela dirá: *“ainda bem que seu pai não está vivo. Ele tinha tanto orgulho de você”*.

Mas é a carreira que parece importar para ela. A academia não poderá saber disso, seus livros, artigos, conferências não podem jamais revelar esse desvio. Sara pode ajudar em algo? Claro que não. *“Não há nada a fazer”*, ele afirma definitivamente. A catedral de Turing desmoronara irremediavelmente.

6. O reconhecimento tardio

Em 1966, a Associação para a maquinaria de computação, ACM, patrocinada pela Intel Corporation, criou um prêmio Turing para pesquisadores. Até agora, 38 americanos, seis ingleses, um venezuelano já foram agraciados. A partir de 1994, Alan Mathison

Turing passa a dar nome a ponte, viaduto, avenida. Uma estátua dele com os livros sob os braços é inaugurada numa Universidade inglesa. Salas de computação, escolas de tecnologia levam seu nome.

Em 14 de setembro de 2009, cinquenta e cinco anos depois de sua morte, o governo britânico lhe pede desculpas póstumas. O primeiro ministro Gordon Brown, do Partido Trabalhista, sucessor de Tony Blair, incumbe-se da retratação pública.

Mas foi preciso uma petição *on-line* com mais de trinta mil assinaturas, organizada por John Graham-Cumming, programador de computação, para que esse fato se concretizasse.

Essa decisão tardia do governo britânico, porém, não afasta o fantasma da intolerância que cerca a homossexualidade. Turing foi um cientista grandioso, um pesquisador soberbo, que não foi compreendido como um homem igual a todos os outros.

O crime de foi acusado jamais será esquecido. A Inglaterra, aliás, tem uma longa tradição repressiva no tocante à homossexualidade. Oscar Wilde (1854-1900) é o exemplo mais evidente. Igualmente acusado de crime, a partir de 1895 vários processos são instaurados contra ele.

Em maio de 1897 é posto em liberdade. É nesse ano que escreve o famoso poema *A balada da prisão de Reading*. Numa das estrofes desse longuíssimo poema, Wilde escreverá: *“Sempre no coração a meia-noite/E na cela sempre o crepúsculo”*.

*culo;/A manivela gira e desfaz cordas,/Cada qual, só, no seu Inferno,/E se torna o silêncio mais terrível/Do que o som do brônzeo sino".*³⁷

Em sincronicidade com Wilde, Turing, na cena cinco do segundo ato do texto teatral, afirmará: "Ficar atrás das grades não é a pior coisa do mundo, redescobre-se o sentimento maravilhoso da ausência de responsabilidade". Com era réu primário, sua prisão domiciliar foi o arranjo jurídico encontrado. Agora, ele afirma para uma Pat casada e visivelmente infeliz que vai visitá-lo: "estou tomando hormônios femininos para acabar com meu estímulo sexual masculino". O suposto garoto de programa, (Ron no texto teatral, Arnold na vida real), que deu mote para a prisão, foi absolvido pela polícia. Seu trabalho era meramente profissional, um michê como tantos outros que reiteram sua heterossexualidade.

Embora o teatro e o cinema brinquem com a flecha do tempo, intercalando imagens dos anos 1940/1950 com a infância e adolescência de Turing, conseguem transmitir a dor do fim de modo irretocável. Esses tempos entrelaçados estão presentes na cena oito, que se passa na delegacia, e no filme também. Trata-se do retorno da mãe e do verdadeiro perdão ao filho. A medalha que recebe pela excelência dos serviços prestados à Inglaterra nada significa para a

envelhecida Sara. "Ele foi um homem brilhante, o único do mundo em vários aspectos. O melhor de todos em muitas coisas."

Depois da morte, Sara converte-se em guardiã das cinzas do filho, depositária de suas utopias e desejos. Ela sabe agora da homossexualidade, sabe também que o suicídio do filho com a maçã envenenada foi um ato tresloucado de quem acredita que nunca encontrou respostas para inúmeras questões que se colocou durante toda a vida. Alan Turing sempre tentou conectar amor, sexo, conhecimento, sabedoria e uma grande dose de esperança na construção de um mundo melhor. Em trabalho de luto, melancólica, a mãe tenta o quanto pode neutralizar a ideia do suicídio, atribuindo a morte a uma experiência científica malsucedida.

O psiquiatra de Alan, Frank Greenbaum (1925-2001) colabora com isso. No ensaio de Leavitt há um fragmento de carta que diz: "Não tenho a menor dúvida de que Alan morreu em virtude de um acidente....Ele era como um criança que fazia suas experiências".³⁸

Existem poucas evidências do processo psiquiátrico a que Turing submeteu-se, mas não seria exagero afirmar que Greenbaum acreditava numa possível cura de seu famoso paciente. Mesmo assim, em nítido

³⁷ Oscar Wilde. *Obra completa*; tradução e organização Oscar Mendes, precedida de ensaio biográfico de James Laver. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961. [O poema referido encontra-se na seção Poemas do volume, pp. 969/984.

³⁸ David Leavitt. *O homem que sabia demais*, op. cit., p. 200.

processo resiliente, Turing chegou a escrever uma narrativa ficcional sob o pseudônimo de Alec Pryce em que ‘confessa’ a homossexualidade.

Alan Turing permanecerá no imaginário social como cientista responsável por uma das maiores criações do século XX. Só que agora não existirá nenhum príncipe encantado que lhe restitua a vida, mesmo num espaço-tempo futuro, para demonstrar que máquinas, por mais inteligentes que sejam, jamais serão capazes de transmitir afeto e compreensão àqueles responsáveis por sua criação.

Para o presente colóquio, o Programa de iniciação à docência de Matemática da UFRN realizou um projeto junto a alunos do ensino fundamental, para que contassem a história de Turing em versos de cordel. Na abertura, os alunos distribuíam o *Alan Turing em versos*.³⁹ Esses estudantes realizaram, talvez sem sabê-lo, uma das maiores homenagens feitas a Turing.

Munidos de informações da vida e da obra do autor, transportaram para os versos impressões, descobertas, interrogações que demonstram que fazer ciência com consciência é sempre algo inovador, criativo, poético. Desse mosaico de imagens, fica difícil dizer qual dos versos é o melhor. Eles se en-

trelaçam como se estivéssemos diante de um holograma, em que parte e todo sempre permanecem indissociáveis.

Destaco um deles para concluir esta reflexão que teve como pano de fundo a dialogia arte-ciência. *És tu Alan Turing?*, de Rha-wanny Oliveira, do nono ano, diz o seguinte: “Aprendeu a ler sozinho/Desde muito cedo/Quando era garotinho - Em colégio público foi estudando/E estudando sempre/Seu tempo estava esbanjando – Um grande amigo conheceu/Por ele se apaixonou/E então Christopher morreu – Mas a sua vida continuou/Ganhou vários prêmios/E a máquina de Turing inventou – Na segunda guerra participou/Desvendou vários códigos/Em um grande inventor se transformou – Por homens ele gostou/Se apaixonou por estudantes/Mas isso não rolou – Por ter tido relações/Humilhações sofreu demais/Com muitas discriminações/Sua homossexualidade tentaram disfarçar/Enganaram muitas pessoas/Mas sua vida iria desgraçar – Um tratamento propôs/A ser julgado ele foi/A tomar remédios se impôs/Dos remédios ele cansou/Pegou uma maçã/E então a envenenou – Morto ele foi encontrado/Ao seu lado uma maçã/Ele tinha se envenenado.”⁴⁰

³⁹ *Alan Turing em versos*. Os alunos participantes do projeto cursam do sexto ao nono ano do ensino fundamental. A apresentação do projeto é feita por Jéssica Agna Cavalcante de Andrade e a coordenação do PIBID de Matemática é de Giselle Costa de Sousa. Um dos coordenadores do colóquio, Iran Abreu Mendes, também tem um verso que pode ser encontrado na quarta capa do cordel. Natal, UFRN, 2012.

⁴⁰ *Alan Turing em versos*, op. cit., p 18/19.